

A Mensagem de Fátima foi-nos apresentada sob dois prismas relacionados com a família: 1) o Papel da vivência familiar dos videntes na sua preparação para as aparições; 2) e os aspetos da mensagem de Fátima que com maior acuidade influencia a missão das famílias na Igreja. Relativamente ao primeiro aspeto, salientou que das memórias de Lúcia transparece (como seria de esperar em crianças de 7 a 10 anos) a imensa importância da família na vida dos videntes, mas também valores que desde o berço eram transmitidos pelo exemplo e pela vivência como o amor à verdade, a valorização do trabalho, da humildade, da atenção aos outros. Foi ainda realçado que só uma família solidamente construída, alicerçada em valores humanos pode ir mais longe e alimentar os valores da fé. Importa pois não ficar pelos valores humanos, mas fortalecidos pelos valores humanos, assentes na oração, construir então a fé, que se busca como dom de Deus.

Partindo então da realidade das famílias humanamente construídas e atentas ao chamamento de Deus, procuramos na mensagem de Fátima os aspetos que permitem construir a família na fé, na espiritualidade, isto é na vida segundo o espírito. Antes de mais convém nunca esquecer o papel central de Deus trino e do evangelho de Cristo ressuscitado na mensagem. Também a fé das famílias tem que construir-se nessa centralidade, buscando a fonte em Deus que nos Ama e quer ser amado. Em nosso Senhor que porque Ama se ofende com os nossos erros, e que porque o Amamos queremos reparar. Daí vem a necessidade de reparação, conversão e penitência tão insistente em Fátima. Também a mensagem de Paz (a qual se aprende a construir nas relações familiares) sendo central em Fátima é desafio permanente para as famílias. Central em todos estes aspetos são a necessidade de nos relacionarmos em família com o Pai. Onde surge naturalmente a problemática da oração em Família. Esta foi abordada por todos os intervenientes do dia, sob vários prismas: O Pe. Paulo Jorge falou-nos de como o ser cristão nos deve colocar como aos discípulos na atitude de quem pede para aprender a rezar. E como essa aprendizagem implica o domínio de vários aspetos como a simplicidade da oração, o Silêncio, a inclusão da vida (“A oração não se divorcia da vida, acolhe a vida e leva Luz e Graça à vida”), e a libertação de meras fórmulas ou esquemas para passar a essa intimidade filial. “É preciso em família rezarmos uns pelos outros, mesmo que não estejamos juntos, estaremos a rezar em família”. É preciso educar para os afetos. Só quem valoriza os afetos pode valorizar o Amor de Deus e o Amor por Deus. Estes mesmos aspetos foram também reforçado pela Ir. Maria Amélia que refere que não se propõe a fé. A fé em Cristo ressuscitado não se diz, vive-se, transmite-se pela vivência. Não podemos ficar-nos pela catequese (que de qualquer modo antes de ser paroquial é familiar), por fórmulas ou conceitos. A fé não é uma formulação, é uma alegria que tem que transbordar para contagiar, que se vê pelos olhos que são o espelho da alma. Não pode ser apenas a última bateria (ainda que o seja) tem que ser modo de vida permanente e constante. Não faz sentido dizer que se tem fé. A fé é que nos tem a nós, que somos convidados a mostrar ao mundo a alegria que nos anima e nos faz viver. E se vivemos na fé, não podemos desanimar porque Deus nos antecede na missão. Também não podemos ter medo de falhar, antes temos que ensinar os jovens a falhar. O Santo não é o que nunca erra, mas o que teima em levantar-se após cada queda. Este aspeto foi amplamente testemunhado pelo casal António e Teresa que nos testemunharam o seu percurso de vida, o qual incluiu a procura da missão, o conhecimento da pequenez do que somos perante a imensidão da missão, os problemas (A fé não protege ninguém dos erros, mas ajuda a reconhecê-los e a reencontrar o caminho). Foi também testemunhado o quanto o método CPM se bem feito, ajuda tanto os noivos como os

casais, sendo ocasião de renovação e até de conversão. Foi também testemunhado o papel e importância da oração em família, do diálogo filial com Deus, a partir da oração em conjunto. O papel da Oração na reconciliação em família, e a vivência da família para si, para os outros e para todas as fases da vida com as suas alegrias, provações, tristezas e desafios.

Parece pois claro que a vocação da família, que pelo matrimónio se constituiu sacramento do Amor de Deus é evangelizar pelo exemplo, pela verdade da vivência do Amor de Deus. Só dessa forma, pode surgir ação evangelizadora eficaz, porque só assim em verdade se mostra as fraquezas humanas e a partir delas se evidencia, na vida e em exemplos concretos, a força, o norte, o farol que é Deus.